

“Sobral Vai à Guerra?”: Memórias dos sobralenses nas entrelinhas dos Periódicos Correio da Semana e Gazeta de Notícias.

FRANCISCO ANDERSON DE MELO FREITAS *

Com o fim da 2ª Guerra Mundial (1939-1945) houve a dissolução e desmobilização da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Vitoriosos, os expedicionários foram recebidos com festas e homenagens em solo pátrio. No entusiasmo da recepção que renderam em monumentos históricos erguidos em memória desses militares, criaram-se também, em diversos recantos do Brasil, associações de apoio aos que voltaram prejudicados em consequência da participação na frente de batalha e leis de amparo. Contudo, a maior parte desses veteranos não usufruiu dos benefícios prometidos a eles, tendo como principal recompensa o esquecimento.

Este trabalho tem o objetivo analisar o processo de mobilização na cidade de Sobral/Ceará para a Segunda Guerra Mundial, bem como recompor o cotidiano de reintegração social dos veteranos sobralenses no pós-guerra. Para tanto, o uso de fontes hemerográficas, em especial a utilização dos jornais Correio da Semana e Gazeta de Notícias, foi fundamental.

PALAVRAS – CHAVE: Força Expedicionária Brasileira; Segunda Guerra Mundial; Sobralenses.

With the end of the 2nd World War (1939-1945) was the dissolution and demobilization of the Brazilian Expeditionary Force (FEB). Victorious, the expedition was received with celebrations and tributes on home soil. In the excitement of receiving that yielded historical monuments erected in memory of those soldiers, were created also in various corners of Brazil, to support associations who returned damaged as a result of participation in the battlefield and protection laws. However, most of these veterans did not enjoy the benefits promised to them, the main reward oblivion. This study aims to analyze the process of mobilization in the city of Sobral / Ceará to the Second World War, as well as replenishing the everyday social reintegration of veterans sobralenses postwar. Therefore, the use of hemerográficas sources, in particular the use of the Week and Mail newspaper Gazette of News, was crucial.

KEY - WORDS: Brazilian Expeditionary Force, World War II; Sobralenses.

* Graduando do curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, 5º período. Bolsista do Pet – História (Programa de Educação Tutorial em História). Orientador: Dr. Carlos Augusto Pereira dos Santos.

Apresentação

Este trabalho é produto da pesquisa de monografia que está em desenvolvimento e com algumas modificações, inquieta-me o grande interesse pela área militar e a história que envolve as guerras que são contadas nos livros de história, desde a infância prende a minha atenção. Quando começamos o curso de História, já havia focado e direcionado as atenções para os conflitos e a escolha de trabalhar o jornal como fonte de pesquisa deu-se há alguns meses quando participei como voluntário do PET - Programa de Educação Tutorial em História, em que passei a ter um contato maior com as fontes, em especial com os jornais, que compreendem boa parte das fontes existentes. Há jornais e periódicos diversos do século XVIII e século XIX, nessas leituras conheci a FORÇA EXPEDICIONARIA BRASILEIRA².

O cotidiano desses homens em um conflito de proporções mundiais, principalmente o fato do desconhecer dos conterrâneos mais novos sobre essa atuação. Que cada vez mais aumenta a descoberta de materiais e outros pesquisadores que assim como eu estudam o aspecto social desses homens e sua participação na Segunda Guerra Mundial, fazendo uso de periódicos como *Correio da Semana* e *Gazeta de Notícias*. A mobilização e o cotidiano *post bellum* desses homens em um conflito de proporções mundiais constituem o meu principal objetivo. Como foi o processo de arregimentação no Ceará, em especial em Sobral³? O que aconteceu com os expedicionários cearenses após a guerra?

A desmobilização aconteceu de maneira rápida e isso é outro fator a ser citado no decorrer do processo, já que esta aconteceu de maneira conturbada, não havendo nem mesmo tempo de chegar ao Brasil, para que os “militares” deixassem as fileiras do exército brasileiro, e voltar a suas vidas civis. Arrancados de suas vidas comuns e introduzidas de forma repentina num cotidiano desconhecido e austero na Itália. Sem qualquer tipo de suporte psicológico, para tratar as conhecidas “neuroses de guerra”.

² A Força Expedicionária Brasileira, conhecida pela sigla FEB, foi a força militar brasileira de 25.334 homens que foi responsável pela participação brasileira ao lado dos Aliados na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial. Constituída inicialmente por uma divisão de infantaria, acabou por abranger todas as forças militares brasileiras que participaram do conflito.

³ A segunda maior do interior do estado, situada a noroeste do estado do Ceará, e distante 230 km da capital Fortaleza. Possuindo a quarta maior economia.

Os expedicionários brasileiros foram à batalha com promessas profissionais e financeiras de que com o retorno ao Brasil seus empregos estariam garantidos, mas não foi isso que aconteceu de fato, em seus empregos formais foram recusados com a desculpa de que apresentavam agressividade por influência da guerra, e com isso má relacionamento com as pessoas, também pode ser citado que a maioria dos soldados tinha como origem a zona rural, pois, de acordo com Renato Eickhoff: “O país apresentava uma estrutura agrária, com o café respondendo por 70% das exportações e 60% dos seus quase 40 milhões de habitantes vivendo em áreas rurais.”⁴ Esta repulsão corrobora também a ideia de que não houve, nem por parte do governo, nem da sociedade brasileira, preparação para receber os milhares de ex-combatentes. Dessa forma, o descaso das autoridades entravou quaisquer tipos de ajuda mais efetiva e direcionada a estes homens.

Mobilização e esquecimento: o Governo e o Exército brasileiros

Não pode ser deixado de lado como se deu a participação dos expedicionários brasileiros que serviram ao país, como reforça Alguns historiadores, a exemplo de Francisco César Ferraz, afirmam que esses homens que serviram a pátria não tiveram o merecido reconhecimento com sua chegada ao país, apenas uma “recepção” festiva e condecorações com medalhas. Segundo Ferraz, com o passar do tempo todos os sacrifícios e dificuldades enfrentados pelos homens da FEB caíram no esquecimento da população e do próprio governo (FERRAZ, 2005).

As primeiras propostas e a legislação de amparo aos veteranos da FEB vieram em 1946, e a situação começa ser “minimizada”, pois esta atendia de modo principal os mutilados da guerra e apenas com a Constituição Federal de 1988, tiveram as suas reivindicações financeiras atendidas. O direito a uma pensão especial, como reconhecimento de seus sacrifícios, foi uma conquista. Vitória também das associações de ex-combatentes que davam todo o suporte político aos anseios e às reclamações sociais desses homens, que no caso do Ceará em 2012 foi desativada. E seu acervo?

Já que esses fatos caíram no esquecimento dos brasileiros, o Exército o cita e lembra tais fatos, reconhecendo e exaltando a participação dos “pracinhas brasileiros” na 2ª Guerra, a

⁴ EICKHOFF, Renato. A Força Expedicionária Brasileira e os seus veteranos. 2005.42 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Plena) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2005. P.5

partir “das grandes batalhas e dos grandes feitos”. A tomada de Monte Castello, por exemplo, é um orgulho para a instituição.

Na realidade, as produções bibliográficas do Exército acerca da 2ª Guerra, eram (e são) narrativas de oficiais veteranos contando suas experiências no *front*: da saída do Brasil em navios americanos até o fim da guerra, as vitórias, os inimigos, as mortes e amputações de companheiros, relatos fortes; enfim, a vida que se seguia difícil, nas trincheiras e nos acampamentos improvisados. “Causos” sobre a higiene e o jeitinho brasileiro foram citados como distração e, não por acaso “os pracinhas” quase sempre eram apontados como os principais protagonistas nesses episódios.

O governo brasileiro apesar de ser popular na época da guerra vivia uma espécie de ditadura disfarçada, pois queria se manter no poder e qualquer preço, prova disso é o conhecido *Plano Cohen*, e como aponta Sirlei de Fátima Nass, aos olhos das lideranças, os componentes da FEB passaram a representar um perigo (NASS, 2005.57).

Alguns soldados profissionais, principalmente oficiais de grandes patentes, já pertencentes ao Exército Brasileiro que não compuseram a Força de Expedicionários, pois usaram de alguma influência para não irem à guerra. Por sua vez os pracinhas selecionados de forma apressada foram à Itália com o arcaico treinamento recebido no Brasil, mas melhorado no curso da guerra, sem contar o contato com outros soldados, contribuíram com chegada ao Brasil sofrerem exclusão dos mais antigos, mesmo tendo melhor treinamento e experiência de fato. Pois com a desmobilização era possível escolher entre a vida civil ou a caserna

Mas, a partir da década de 1990, com o surgimento de uma “Nova História Militar”, outros olhares foram lançados sobre “os pracinhas”. Estudos acadêmicos vêm se debruçando sobre os sofrimentos e angústias por que passaram esses veteranos, durante e após a guerra. Ainda poucas as pesquisas realizadas sobre o assunto que envolve a participação efetiva ou o pós-guerra do Brasil na guerra. As potências iniciadoras da guerra existem centros de estudo que se dedicam ao tema e que sempre produzem novas informações.

A Guerra e a mobilização sobralense

Aquele período foi um momento de grande comoção social, pois os alemães até então amigos se mostravam que não estavam preocupados de romper barreiras para conseguir o objetivo de conquistas a todo preço, nos atingindo com o afundamento dos navios da Marinha

Mercante Brasileira gerando a revolta da população e conseqüentemente um clamor para a entrada do Brasil na guerra, em defesa da nossa soberania.

Em 15 de agosto de 1942, o *Baependi*, navio mercante brasileiro, navegava tranquilamente na costa entre Salvador e Maceió quando foram sentidas explosões em seu casco. Rapidamente, envolto na escuridão da noite, a embarcação afundava com seus 73 tripulantes e 233 passageiros, sendo 124 militares.⁵ Em fevereiro daquele ano, no entanto, outras embarcações já haviam afundado em águas internacionais, como o *Cabedelo*, que rumava de Filadélfia, nos Estados Unidos, para a Paraíba: 54 pessoas morreram no incidente. Não ficou comprovado ter sido um submarino alemão o autor do naufrágio, mas os indícios apontaram para isso. Dias depois, outro submarino não identificado pôs a pique o *Buarque*, com 74 pessoas, em região próxima da Base Naval Norte-Americana de Nortfolk. Milagrosamente somente 01 pessoa não sobreviveu. Até o incidente com o *Baependi*, outros 12 afundamentos ocorreram, deixando um imenso saldo de mortos, destruição e medo.⁶

Sobral, cidade a ser trabalhada, apesar de ter sua história marcada por um caráter elitista, - o que podemos comprovar nas ruas, quase sempre intituladas com os nomes dos “grandes vultos da cidade”, há silêncio sobre o assunto tratado. Sabemos dos febianos pelo já interesse ao assunto e aos sobralenses especificamente, através do jornal *Correio da Semana* que tive contato com o ingresso no curso de história, e percebi o quanto poderia ser estudado fazendo uso de suas notícias, na construção de como ocorreu as ações no período de guerra no imaginário tanto na ida e também na volta ao Brasil. E isso o periódico é bem detalhista remontando o passo a passo das forças aliadas e dos febianos.

Não sabemos se há logradouros centrais com os nomes desses veteranos. Eles existem? Tentamos solucionar a dúvida, mas acabamos de mãos atadas, pois não havia nenhuma produção bibliográfica local que remetesse a isso, nem tampouco estudos acadêmicos localizados que tratem sobre a Guerra.

O fato de não haver no Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA) pesquisa ou trabalho desenvolvido sobre a Segunda Guerra e a cidade de Sobral, serviu-nos como motivação para elaboração desse artigo, principalmente porque já se passa

⁵ SANDER, Roberto. O Brasil na mira de Hitler: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p.97.

⁶ SANDER, Roberto. Idem. p. 97

setenta anos após o fim do conflito mundial e nada foi escrito em caráter local, pois como historiadores, sentimos instigados a buscar essas memórias e registrá-las, para a pesquisadora Sirlei de Fátima Nass⁷, a participação da FEB na Segunda Guerra Mundial não implicou nem em perdas substanciais de vidas humanas, nem a ocupação estrangeira do território brasileiro, sendo vista à distância pela sociedade. Fato esse fundamental para o rápido esquecimento por parte da sociedade.

No jornal *Correio da Semana* é comum vermos notícias de todos os gêneros, já que este cumpria seu dever social, contando com tutoriais católicos já que o periódico era propriedade da igreja católica, editais, notas de falecimento, propagandas não se delimitando a Sobral apenas. E o mais interessante é de como a população da cidade estava interada das em colunas semanais que nem sempre eram fixas, é perceptível as mudanças durante os anos, “Pequenas Notícias” com informações também da Segunda Guerra Mundial por coberturas adquiridas pelo jornal e feitas pela agência internacional Reuters⁸. No começo da guerra quando não existia muito envolvimento do Brasil essas informações também eram encontradas nos tutoriais intitulados Notícias da Semana.

Com a leitura dos periódicos de 1942 é perceptível um grande esforço do País junto aos jovens, para que estes se alistem ao Serviço Militar e isso se estendeu até meados de 1944, já próximo do envio a Itália, e Sobral não tava distante disso, narrativas convocando para quem tivessem todas as condições para fazer sua parte junto ao país, não importando como, pois além do front da Itália existia o front interno que se tratava da defesa nacional. Aos que eram convocados e que ainda estavam no curso secundário, o ministério da educação baixou uma portaria dispensando os alunos de frequentar as aulas e ou por meio de provas adiantar a conclusão.

Reservista!

*“As forças do Brasil necessitam crescer para torna-lo ainda mais forte. Para isso precisamos de ti, pois és parte integrante dessas forças! Prepara-te, pois, para atender ao primeiro chamado!”*⁹

Algo interessante é como o jornal mostrava a participação dos sobralenses na guerra, seja como agente de causa ou como vítimas, notas mostrando o envio de jovens para

⁷ NASS, Sirlei de Fátima. Legião Paranaense do Expedicionário: indagações sobre a reintegração social dos febianos paranaenses (1934 - 1951). Dissertação – UFPR, 2005. p.17.

⁸ Uma das mais famosas e antigas agências de notícias do mundo.

⁹ Correio da Semana, 12 de junho de 1942. Ano XXV – Num 10

apresentar-se na junta militar em Fortaleza, exaltando a sua ida como defensor por um estado democrático, e por outro lado vítimas como o exemplo do professor do ginásio sobralense que faleceu no naufrágio navio *Baependi* já citado.

Uma vítima do trucidamento nazista

*“Acabamos de ser informados pelo nosso correspondente de Massapé, que aquela cidade esta enlutada pelo falecimento, de modo brutal, do jovem professor Valter carvalho, o qual se transportava da Baía para o Ceará pelo vapor ‘Baependi’, um dos nossos navios mercantes torpedeados pela sanha dos submersíveis nazistas, em águas brasileiras, nas proximidades de Sergipe. (...) Esteve lecionando umas das cadeiras do ‘Ginásio Sobralense’ tendo ido para a Baía para dar melhor expansão no seu espírito, ciôso de cultura”.*¹⁰

Era fundamental fortalecer o exército para a defesa da costa brasileira já que éramos alvos de submarinos alemães, deixando um grande número de vítimas. E tudo isso era retratado nos jornais locais, como o estudado. Mas, como as pessoas simples sabiam das notícias de guerra? Por exemplo, em rodas de conversa ou comentários na rua.

Interessante pensar como a população da cidade recebia as notícias no jornal semanal, somente os de maior posse tinha acesso aos jornais ou as informações chegavam? É sabido através de relatos que em Santa Quitéria, cidade localizada na circunvizinhança a Sobral, a torre da radiadora transmitia quase que dia a dia as notícias sobre a guerra mantendo seus cidadãos informados. E com o anúncio do fim do conflito a cidade foi tomada por uma grande festa. Com a torre que existia em Sobral acontecia o mesmo? Algo que com o apoio da oralidade deve ser posto.

Enquanto a guerra acontecia no teatro de operações da Europa e do Pacífico, as notícias era repassado em nossa cidade localizada no interior nordestino para abastecer os jornais locais, as notícias vinham prontas. Não podemos negar que nossas inquietações são alimentadas por reportagens de jornais e relatos de que existem sobralenses e de regiões circunvizinhas que foram pra guerra e principalmente não posso descartar a minha angústia para saber se existem sobreviventes para poder entrevistá-los e relatar como e quais foram as suas experiências vivenciadas naquele período. Como por exemplo, de que maneira foi à recepção da população, e se foi prestado alguma assistência por parte do Estado aos feridos.

¹⁰ Correio da Semana, 28 de agosto de 1942. Ano XXV – Num 21

Visamos mostrar as contribuições que a região teve especificamente Sobral e seus distritos, com o envio de homens e também de recursos que acabou sendo coletados em nome do País. Comprovado com uma simples análise do *Correio da Semana*, onde me deparei que um grupo de senhoras que juntamente com o jornal liderado pela igreja católica organizaram uma espécie de quermesse no Palace Club para arrecadar fundos para o envio de sobralenses a guerra, ou mesmo financiar de alguma forma a participação dos brasileiros na guerra.

Resta saber se esse reconhecimento social perdurou após sua chegada e permaneceu até os dias de hoje, será que os próprios sobralenses têm conhecimento de que a cidade teve contribuições, de valores e até mesmo valores humanas para com a guerra?

Como fonte, utilizarei o Jornal *Correio da Semana*, coordenado pela diocese de Sobral e que está em circulação até os dias atuais e encontrasse a disposição no Núcleo de Estudos e Documentação Histórica - NEDHIS¹¹ e o Jornal *Gazeta de Notícias* que se encontra na Biblioteca Menezes Pimentel em Fortaleza não esquecendo também da oralidade que se faz importante para complementar o dito nos livros, que no caso da historiografia militar tem sua maioria produzida pela BIBLIEX – Biblioteca do Exército Editora, que por isso deve ser analisado com outro olhar já que o ofício do historiador é não somente contar fatos, e sim fazer uma análise crítica destes.

Pretendo também usar fontes de toda a natureza: fotografias, diários, recortes de jornais, impressos, depoimentos orais, discursos orais e ainda fontes oficiais, como: leis aprovadas, projetos de lei, fotografias oficiais e documentários. Sendo que já tenho posse de parte desse material como o jornal *Correio da Semana* digitalizado e fotografias, e as entrevistas estão em processo de pesquisa e busca o que irá requerer um grande esforço e disposição, pois é uma luta contra o tempo, pois muitos dos veteranos estão falecendo ou mesmo sofrendo com doenças que afetam a memória.

Já que foi colocada a utilização também do Jornal *Gazeta de Notícias*, para se fazer um contraponto e servir de base, em ambos os lados capital e interior, certamente com

¹¹ O Núcleo de Estudos de Documentação Histórica – NEDHIS, do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú, tem como objetivo a preservação do patrimônio documental brasileiro, seu acervo é composto por documentos do executivo, judiciário, legislativo, eclesiástico, periódicos e arquivos privados. Fundado em 2000, tem grande utilidade para as pesquisas do corpo de alunos do curso de história, como é aberto às pesquisas do público em geral.

expressivas diferenças, tanto em notícias como a convocações de jovens para a guerra. Este jornal apresenta qualidade superior, melhor diagramado e com notícias de capa bem grandes sobre os dias de conflito, e colunas específicas com o título Notícias Militares por exemplo. Algo interessante e de novo percebi na *Gazeta de Notícias* foi o relato de duas frentes internas, além da já conhecida de defesa da costa litorânea, é citada a frente do interior que tinha a missão de explorar as riquezas naturais para o envio aos aliados, a exemplo da borracha. Sendo estimulada a emigração de nordestinos para a região amazônica com promessas de uma vida melhor, dando origem aos Soldados da Borracha ou Soldados da Economia, com direito também a grandiosas paradas militares. Pois algo primordial em uma guerra são as matérias primas.

BRASILEIROS! Produzir BORRACHA é obra patriótica e fortalece a economia particular.¹²

Segundo o historiador Francisco Ferraz “houve muitas dificuldades encontradas pelos ex-febianos para se restabelecer dentro da sociedade e de se reintegrar ao meio social após a chegada ao Brasil” (FERRAZ, 2012:09), com base nisso é perceptível que isso ocorreu em nossa cidade com os pracinhas sobralenses, e de fato houve essa dificuldade de reintegração social, se mudou alguma coisa na vida destes ou se simplesmente voltaram para os quartéis e seguiram seus hábitos cotidianos antes da ida á guerra.

Quanto á questão do rápido esquecimento e da não valorização devida aos ex-combatentes, em Sobral especificamente não há nada registrado em livros didáticos ou de história local sobre os ex-febianos sobralenses que foram convocados a participar da Segunda Guerra Mundial, os únicos registros que restaram foram os jornais e certamente algumas memórias das pessoas mais velhas, que por sinal serão as fontes usadas nesse projeto. Os historiadores e memorialistas sobralenses de mostram um grande apego a historia dos grandes e cronologias das grandes famílias.

Outra questão importante a ser discutida é que os ex-combatentes num contexto geral foram selecionados de maneira rápida e desorganizada havia aqueles que já eram da área militar, mas sabe-se também que alguns componentes não sabiam ler e escrever, na qual ambos tiveram que deixar sua terra natal e a própria família para servir a Força Expedicionária Brasileira e que da mesma maneira desorganizada que esta foi criada ela foi

¹² Gazeta de Notícias, 9 de julho de 1943. Anno XVI – Num 4.986

desmobilizada trazendo consigo inúmeros problemas de origem social. A sociedade, por não conhecer o processo pelo qual passaram os ex-combatentes, por não saber das dificuldades enfrentadas, desde a mobilização, a passagem pelo processo da participação efetiva nos campos de batalha, encerrando por uma desmobilização desorganizada e rápida, não teria condições, também, de oferecer apoio, de reconhecer seus heróis. Como nos explica Dennison de Oliveira¹³.

Desta forma destacarei não só o perfil dos ex-combates sobralenses mais que tipos de problemas sociais os afetaram na sua volta pra casa. Já que como foi dito as compensações financeiras vieram tardiamente. Com as leituras das bibliografias sobre o assunto inclusive o escrito pelo comandante da FEB General Mascarenhas de Moraes, o Ceará enviou 377 soldados ficando a frente de muitos estados do nordeste.

Considerações finais

Diante de tudo que foi pesquisado vale ressaltar o que o jornal *Correio da Semana* vem trazendo de informações mais que importantes, para poder ser traçado o reconhecimento e o esquecimento pelas novas gerações, processo esse que não é exclusivo da cidade estudada, mas de todo Brasil. Memórias que estão se perdendo com o falecimento desses heróis anônimos e nomes comuns.

Já se passam setenta anos do fim da guerra, o que temos construídos em nossa mentalidade, que homenagens fizeram além de estatuas, se o mais importante seria o reconhecimento por seu esforço prestado ao país. As homenagens de reconhecimento ocorreram mais de forma tempestiva, ou seja, com os jornais e outros meios de comunicação, os quais realizaram uma grande divulgação. A população carioca fez uma das maiores festas do país. O Rio de Janeiro foi o local onde ocorreu a maior manifestação por parte da população (NASS,2005: 81).

Acabaram de chegar a esta cidade, valorosos patrícios que, nos campos sangrentos da Itália, elevaram o nome do Brasil, na defesa da democracia e da liberdade dos povos. Estiveram nessa redação o 1º Sargento José Fernandes Carvalho pertencente a 1ª Região Militar, com sede no Rio de Janeiro e o Sr. Francisco Alves de Oliveira, da 6ª Região Militar. Mantiveram longa palestra com o nosso diretor e o R. Pe.

¹³ OLIVEIRA, D. História e memória entre ex-combatentes: o caso da Força Expedicionária Brasileira (1943-2000).

Expedito Lopes (...) A todos os denodados defensores da civilização cristã contra a barbárie nazifacista o abraço cordial do “Correio”.¹⁴

Vale reforçar que o jornal é de propriedade da igreja e que esta constrói todo um discurso, em defesa da vida e da democracia, princípios contrários aos nazifascistas que trucidavam países vizinhos em busca de espaço vital. E como historiador militar tenho que levar em conta o que está subentendido nas entrelinhas dos textos e propagandas. O gazeta de notícias traz informações importantes e também retrata a guerra de sua forma com uma grande riqueza de detalhes e de matérias.

Analisar a história vivida por esses homens e tentar entender de porque servir ao país como voluntários em uma guerra, sabendo que podiam ser vítimas desta. Que há muito tempo tentaram ser ouvidos para quem sabe diminuir seus traumas, também relatando suas experiências em livros que servem de riquíssimas fontes de pesquisa.

Referências Bibliográficas.

EICKHOFF, Renato. *A Força Expedicionária Brasileira e os seus veteranos*. 2005. 42 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Plena) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2005. P.5

FERRAZ, Francisco César Alves. *A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945–2000)*. São Paulo, 2002. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

FERRAZ, Francisco César Alves. *O Brasil na guerra: um estudo de memória escolar*. Comunicação apresentada no IV Encontro Perspectiva do ensino de História. Ouro Preto. Universidade Federal de Ouro Preto, 24 de Abril de 2001. Anais da ANPOC.

NASS, Sirlei de Fátima. *Legião paranaense do expedicionário: indagações sobre a reintegração social dos Febianos Paranaenses (1943–1951)*. 2005. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

¹⁴ Jornal Correio da Semana, 20 de outubro de 1945. Ano XXVIII, N.29

OLIVEIRA, Dennison. *História e memória entre ex-combatentes: o caso da Segunda Guerra Mundial (1939-1945)*. In: XXIII Simpósio Nacional de História, 2005, Londrina. XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: Editorial Mídia, 2005. P. 180-181.

PORTELLI, Alessandro. “*Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral*”, abril de 1997.

ROSA, Alessandro dos Santos. *A reintegração social dos ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira (1946-1988)*, Curitiba, 2010.